

A MULHER ESCRITORA NO ESPÍRITO SANTO E A ACADEMIA FEMININA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Relato Histórico

**Ester Abreu Vieira de Oliveira
Espírito Santo, Brasil 2020**

-1-

A mulher escritora no Espírito Santo

Foi mais precisamente, nos séculos XVII e XVIII, com maior força no século 19, que a profissão de escritora surgiu. Porém, as mulheres publicavam com pseudônimo. Assim, famosas escritoras como Charlotte Brontë, pseudônimo de Currer Bell, George Eliot de Mary Ann Evans e George Sand de Amandine Aurore Lucile Dupin. No século 20, houve uma tentativa de valorização da literatura de autoria feminina com Virginia Woolf e Simone de Beauvoir, que recusam a classificação de obras de escritoras não equiparadas em qualidade estética à elaborada por homens e de as mulheres não possuem as mesmas qualidades intelectuais deles.

Para início deste levantamento histórico no Espírito Santo, buscamos trazer à luz o aparecimento com destaque da mulher escritora em nosso Estado, para depois apresentar o trabalho literário e cultural da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL), desde a sua fundação a nossos dias, procurando visualizar, legitimamente no mundo social, de uma maneira coletiva, o trabalho sociocultural dessa Academia de Letras.

Deixaremos de mencionar as obras, os lançamentos e apresentações culturais e sociais de cada uma escritora acadêmica, pois na individualidade os seus currículos em lattes, em capas de livros e em internet podem ser vistos.

A partir de 1980, foram desenvolvidos textos teóricos com conceitos sociológicos definindo as representações da mulher e deu-se destaque à questão da imposição e da luta pela primazia na visão legítima da mulher no mundo social. É uma luta simbólica buscando a pacificação das relações entre os indivíduos e a visibilidade da atuação da mulher no campo social e literário. O sociólogo Roger Chartier em *Diferença entre sexos e dominação simbólica* aborda a dominação masculina em relação à mulher e a construção da identidade feminina como a interiorização, por parte das mulheres, das normas ditadas pelos discursos masculinos.

Nos fins do século XIX e inícios do XXI, os estudos sobre as mulheres adquiriram importância no campo do conhecimento, em razão das transformações econômicas, sociais, políticas e culturais que surgiram em nível mundial e dos avanços das lutas, e das conquistas dos direitos políticos, sociais e culturais das mulheres. As várias pesquisas acadêmicas mostram o esforço por tornar a mulher centro do conhecimento.

Contudo, apesar de descrita sob o olhar masculino em textos romanescos e poéticos, e mostrada nas artes plásticas, a mulher, secularmente silenciada pela obrigação de estar dentro do lar, submetida a leis e preconceitos sociais, ditados por uma sociedade machista, a que muitas mulheres aderem, ainda que elas sejam “musa inspiradora de poetas”, seu discurso é recebido como menos relevante e, infelizmente, ainda, vem sendo representada como um ser inferior.

O PAPEL DA ESCOLA NA LITERATURA FEITA POR MULHERES

Quando começou a funcionar, no ES, escolas públicas para meninas, segundo Francisco Aurelio (2000, p. 83) em 1845, com a contratação da professora Maria Carolina Ibrense, ocorrerá a escolaridade da mulher, proporcionando o aparecimento de textos poéticos em jornais. E é em 1849, no número 100, p. 2 de 29 de dez. do *Correio da Vitória* que sairá a publicação de um poema da aluna de Maria Carolina, Maria da Conceição Barata.

Com a preocupação de habilitar professores para o ensino primário, em 1869, foi criado o Colégio Normal Nossa Senhora da Penha, depois Colégio Nossa Senhora da Penha e Escola Normal do Espírito Santo. Quando em 1878, segundo Ribeiro (2000, p. 59), foram conferidos diplomas de professora às alunas, foram registrados textos feitos por mulheres nos jornais da época: *Província do Espírito Santo* (depois chamado *Diário do Espírito Santo e Estado do Espírito Santo*)

DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA FEITA POR MULHERES

Retrocedemos ao século XIX, no Espírito Santo. A criação, em 1869, do Colégio Nossa Senhora da Penha e da Escola Normal do Espírito Santo, onde se ensinavam: gramática, aritmética, música, francês, geografia, história e trabalhos de agulhas (bordados). A escolaridade das mulheres estimulou algumas alunas a começarem a publicar seus textos em jornais, mas foram criticadas pela sociedade da época que as consideravam com o “espírito livre”, até uma noiva teve o seu noivado rompido por ter publicado um soneto na *Gazeta de Notícias*.

Mas citaremos o início do empoderamento da mulher capixaba no percurso de escrever com Adelina Tecla Correia Lyrio (1864- 1938), professora, pianista, pintora, abolicionista, poeta, e com Ormindá Escobar S. Gomes (Viana, 1875-1972), professora e poeta, que escreveu *Sonetos, Lendas e Milagres do Espírito Santo*, e ganhou, em 1951, o prêmio Cidade de Vitória e, ainda, Cecília Pitanga Pinto, Sílvia Meireles da Silva Santos e Maria Antonieta Tatagiba.

Adelina Tecla, escritora e abolicionista, segundo Francisco Aurelio, em *A Literatura no Espírito Santo*, (2010, p. 97) foi a primeira escritora capixaba e a primeira a cultivar a arte literária, sendo reconhecida, em seu tempo, como uma escritora em pé de igualdade com os homens, deles recebendo aplausos e críticas. Guily Furtado Bandeira (1890-1980) foi a primeira escritora capixaba a publicar um livro de contos, *Esmaltes e Camafeus*, em 1914 e Maria Antonieta Tatagiba (1895-1927) a primeira capixaba a publicar um livro de poemas, *Fruita Agreste*, em 1927.

Em 1920, Ormindá Escobar fundou a entidade filantrópica Associação Santo Antônio dos Pobres do Menino Jesus e organizou e liderou diversas campanhas em

favor dos desassistidos. Colaborou nos jornais *Comércio do Espírito Santo*, (fundado em 1891), *A Lira* e *A Gazeta Literária* (fundados, respectivamente, em 1897 e 1899). Era conhecida pelo pseudônimo de Alcina Mary. Entre suas obras, estão: *Reminiscências* (1951), *Vultos Capixabas* (1951), *Episódios Históricos* (1952) *Vida e Obra de D. Otávio Chagas de Miranda, Bispo de Porto Alegre* (1953). Adelina Tecla e Orminda Escobar foram homenageadas pela AFESL, como Patronas. Adelina, na Cadeira 14, e Orminda Escobar, na Cadeira 9. Mas outras tantas mulheres foram, também, lembradas pela AFESL, instituição que, ao nascer, tornará mais viva a voz da escritora no Espírito Santo (ES).

Graças à eclética revista *Vida Capichaba*, veículo de divulgação importante da produção no Espírito Santo, dirigida por Elpídio Pimentel, conhecemos um leque de talentosas escritoras que publicavam seus poemas e contos e textos informativos. Seu primeiro número impresso foi em abril de 1923 e seguiu a sua publicação até meados de 1954. Um exemplo da valorização das escritoras que contribuíam com seus textos foi o quadro Honra ao Mérito, que saiu nessa revista em 12 de janeiro de 1928, num. 107, com fotos de Guilly Furtado, Haydée Nicolussi, Ilsa Dessaune, Maria Antonieta Tatagiba, Carolina Pichler e Maria Stella de Novaes. Mas, percorrendo os números da revista, veremos muitos outros nomes de escritoras com produções significativas.



Atualmente, a revista *Vida Capichaba*, faz parte do acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES). Ela foi o primeiro veículo de comunicação a dar

visibilidade a publicações da mulher escritora. Aceitando-as em sua redação, proporcionou que tivessem condições para expressarem as suas opiniões e fortalecessem sua posição crítica e autônoma. Assim, as intelectuais expressavam nas colunas dessa revista as suas opiniões e sentimentos. Transmitem um mundo sensível nas poesias e nos ensaios e crônicas, abordavam temas como o da política e o do direito ao voto da mulher e o acesso ao trabalho e à educação.

Na década de 1920, encontramos algumas mulheres, como Maria Antonieta Tatagiba (1895- 1928) e Haydée Nicolussi (1905-1970), que, além de publicarem artigos e poemas no jornal e, também, na revista *Vida Capixaba*, publicaram livros. A escritora Haydée Nicolussi, contista premiada, jornalista militante, tradutora, teve, inclusive, obras suas traduzidas em francês, espanhol e inglês. Maria Antonieta Tatagiba publicou o livro de poemas *Fruta Agreste* (1927).

Outra mulher de destaque na educação e na cultura no ES é Maria Stella de Novaes (1894-1981), escritora e professora, poeta e investigadora interdisciplinar, que se dedicou aos estudos de botânica, apontando variedades de orquídeas de Espírito Santo. Nas suas mais de cinquenta publicações, desenvolveu temas sobre o ES: sua História, seu Folclore, e biografias de ilustres capixabas. Ela pertenceu a instituições do país e do estrangeiro, menos à Academia Espírito-santense de Letras (AEL), fundada em 1921, mas que não permitia, em sua época, que a mulher fizesse parte como membro efetivo da instituição, mas esteve entre as fundadoras da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL) e foi por esta homenageada como patrona da Cadeira, no 4 e como nome da quarta Feira Literária Capixaba (2017).

Citamos, ainda:

- Lydia Besouchet (1908-1997) que, além de publicar em *Vida Capixaba*, publicou no Rio de Janeiro, em jornais, contos, poesias e artigos. Também lançou ensaios e romances na Argentina. Hoje, é patrona na AFESL da Cadeira no 32.
- Judith Leão Castelo Ribeiro (1906-1982), primeira mulher a ocupar um cargo na Assembleia Legislativa, escreveu artigos na revistas *Vida Capixaba*, *Canaã*, *Revista da Educação*, e na *A Gazeta*, e em 1981, publicou crônicas e discursos na sua obra *Presença*. É Patrona da Cadeira no 1, na AFESL e, também, a sexta Feira Literária Capixaba (2019) recebeu o seu nome.
- Virgínia Tamanini (1897-1990), além de estar entre as primeiras Acadêmicas da AFESL, e ser a Patrona da Cadeira no 3 dessa Academia, foi a terceira mulher a ser aceita na AFESL, empossada na Cadeira no 15. Escreveu poesias, romances, contos e peças teatrais, além de ter sido diretora de teatro e pintora. A segunda feira Literária (2015) recebeu o seu nome.
- A poetisa e cronista Ilza Dessaune também publicou na revista *Vida Capixaba*.
- A Cachoeirense Marly de Oliveira (1935-2007), uma grande poetisa brasileira, inicia sua produção poética, em 1957, com *Cerco da primavera*. Outras obras mais virão: em 1960, *Explicação de Narciso*, em 1962, *A suave pantera*, em 1967, *A vida natural* e *O sangue no veio*, em 1975, *Contato*, em 1978; *Invocação de Orfeu* e *Aliança*, em 1984, *A força da paixão* e *A incerteza das coisas*. Apesar de sua produção ser significativa, não pertenceu à AFESL por não morar na Grande Vitória, uma das normas estatutais.

Em 1927, apud Francisco Aurelio, 2000, p. 62, o jornalista João Calazans escreveu no *Jornal do Comércio*, que “as intelectuais, no Espírito Santo, surgiram de pouco tempo, com firmes promessas de vitória, e que esse número reduzido constava de sete a oito representantes.”

Na mesma obra, Francisco Aurelio (p. 63) informa que Abílio de Carvalho, no artigo “As mulheres na literatura”, publicado em 1938, no *Diário da Manhã*, declara que “pouco mais de meia dúzia” eram as mulheres que publicavam seus textos, e que “Até 1915, nunca se falou nem houve notícia de nenhuma mulher intelectual espírito-santense”. Mas acrescenta, como “alentadoras promessas” as escritoras: Ilda Braga, Helena Maria Ribeiro, Maria B. Rocha, Annete Castro, Vera Larica, Antonieta Bós Palmeira e El- vira Cunha. Também esse jornalista comenta a produção de Lúcia Castellani e declara que ela “está longe de ser uma grande poetisa”.

No princípio do século XX, um dos estimuladores da produção literária local foi Mesquita Neto, pseudônimo de Otávio José de Mendonça (1901-1975), diretor de *A Gazeta*, poeta, cronista (articulista), contista e romancista. Ao abrir as páginas de edições dos domingos com os trabalhos dos escritores capixabas, proporcionou, também, a publicação de escritos de mulheres em jornais.

Na atualidade, não podemos deixar de citar a opinião da historiadora Lívia de Azevedo Silveira Rangel, que, na dissertação de mestrado “Feminismo Ideal e Sadio: os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas”¹, classificada como excelente pelo Prof. Francisco Aurelio, objetiva tornar menos invisíveis as ações e as falas das escritoras nas letras, na política e na luta pela emancipação feminina, nos anos iniciais do século XX, e dá destaque às escritoras Guilly Furtado Bandeira, Carolina Pickler, Haydée Nicolussi, Maria Antonieta Tatagiba, Lydia Besouchet e Hersila Valverde. Justifica essa eleição porque, além de exercerem o papel de mães, esposa, filha e dona de casa, inerentes à mulher, atuavam em searas próprias masculinas: o de escrever e publicar em jornais e revistas expondo seus pensamentos e suas convicções. Lívia Rangel pondera que essas escritoras, de ideias consideradas ousadas, pois desafiavam o poder cultural dominante, chocaram e proporcionaram transformações. Seus pensamentos expostos nos textos impressos contribuíram para uma gradual mudança social no conceito de gênero.

E, para terminar essa explanação geral sobre a produção da mulher escritora no Espírito Santo, citamos, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do ES (IHGES), de 2016, uma análise que o Presidente da instituição, o historiador Getúlio Neves, faz da presença e atuação da mulher nessa instituição, fundada em junho de 1916, (2016, 182-198), onde pondera que não difere muito o IHGES dos padrões preconceituosos da AEL, da entrada da mulher nessa instituição. Alice Lardé de Vantorino foi a primeira mulher admitida, em 1933; Maria Stella de Novaes foi a primeira associada efetiva, em 1945. Segundo Neves (2016, p. 197), Maria Stella de Novaes é uma “das figuras femininas de maior destaque a integrar os quadros do

¹ <https://imprensacapixaba.org.br/2016/03/08/a-escrita-e-pensamentos-das-mulheres-na-revista-vida-capichaba/> A Escrita e Pensamentos das Mulheres na Revista Vida Capichaba dia acesso 16/11/2019.

Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.” Realizou “pesquisas em diversas áreas, com destaque para a Botânica, a História e manifestações populares locais.”

A partir de 1980, houve mudanças no preconceito de entrada da sócia mulher no IHGES e foram admitidas algumas professoras e pesquisadoras. Mas a primeira mulher presidente foi a professora Léa Brígida Rocha de Alvarenga, de 1999 a 2005, que recebeu, inclusive, o título de presidente de Honra do IHGES.

No Apêndice IV “Relação de textos e documentos referentes ao Espírito Santo Publicados na Revista do IHGES, item História, 3.7. Mulheres no livro NEVES, Getúlio Marcos, Pereira. *Notícia do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, (2003), apontam-se artigos publicados sobre atuações de mulheres no Espírito Santo:

- “A importância da Mulher na História do Espírito Santo” de Yvonne Amorim (no 39/1984).
- “Rosa Helena Schorling: A Primeira Paraquedista do Brasil” de Elmo Elton (no 35/1984).
- “Consuelo Salgueiro: entre a Literatura Poética e a Pintura” de Yvonne Amorim (no 41/1992).
- “As Primeiras Eleitoras do Brasil” de Renato Pacheco (no 41/ 1991).
- “Consuelo Salgueiro” de Yvonne Amorim (no 45/1995)
- “Maria Ortiz, a heroína Capixaba” de Irysson Silva (no 46/1996)
- “Figuras Femininas Inesquecíveis” de Ormando Moraes (no 51/1999)

Também no capítulo IV, nesta mesma obra, Getúlio Neves, apresenta a produção dessa revista na metade dos anos noventa, quando passou a periodicidade dela a bianual, tendo sido publicados dois números por ano até 2000 (p. 85). É apontado que a revista trazia matérias sobre a literatura espanhola de autoria de Ester Abreu Vieira de Oliveira.

Getúlio Neves, no levantamento que faz na revista do IHGES, computou que a mulher escritora aparece na publicação de número 65, de 2011, que foi preparada em 1949, ano da fundação da AFESL por isso, ali há textos das primeiras acadêmicas: Orminda Escobar Gomes, Maria Stella de Novaes e Adília Muniz Freire. Em seu registro, a professora Ester Abreu Vieira de Oliveira, até o número 76 dessa Revista, consta com o maior número de publicações, perfazendo o total de “vinte e quatro inserções.”

Também, não podemos deixar de citar a contribuição da Academia Espírito-santense de Letras, fundada em 04 de setembro de 1921, e reorganizada em 18 de julho de 1937, por um grupo de intelectuais da época (juristas, jornalistas, professores, médicos), no papel de apoiador do valor da mulher escritora.

A princípio, a AEL não admitia nenhuma mulher entre seus pares, seguindo o procedimento da Academia de Letras Francesa e da Brasileira. Daí, frequentemente ser chamada de “A Academia dos Homens”, não sei se por um ponto de mágoa, malícia ou ironia. Mas ela, além de impulsionadora da valorização do escritor capixaba

e de modelo de outras futuras academias de letras, exercerá um papel importante na valorização da escritora e será o suporte para que as escritoras se organizem².

Em 1939, na presidência de João Dias Collares Junior, aumentou-se o número de cadeiras de 30 para 40, e a Cadeira 32, que ocupou José Paulino Alves Junior, teve como patrona a Maria Antonieta Tatagiba. Foi o começo de dar à mulher escritora o devido valor. Essa cadeira é ocupada hoje pela escritora Josina (Jo) Nunes Drumond.

No quadro de correspondente da AEL, entraram Dinah Silveira de Queiroz (em 07/08/1941) e Elora Possolo Chaoul. Nas reuniões festivas, como as fotos arquivadas comprovam, ali está a presença de figuras femininas intelectuais do ES, como Maria Stella de Novaes, Madalena Piza, Telma Tassara, Indá Soares e muitas outras.

Mas a entrada como acadêmica só ocorreu no dia 10 de setembro de 1981, com Judith Leão Castello Ribeiro, como titular da cadeira no 12, cujo patrono é Gonçalo Soares França, ocupando a vaga do escritor, professor e jurista Clóvis Rabelo. Sua entrada abriu precedência para a de outras mulheres e seguia os procedimentos das academias modelo: a Academia Brasileira de Letras, em 1977, já havia recebido Rachel de Queiroz e a Academia Francesa, em 1980, Marguerite Yorcemar.

Podemos dizer, então, que a porta para a imortalidade das escritoras se abriu. À continuação de Judith Leão Castello Ribeiro, entraram: Neida Lúcia de Moraes, Anna Bernardes da Silveira Rocha, Virgínia Gasparini Tamanini, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Maria Helena Teixeira de Siqueira, Magda Regina Lugon Arantes, Maria das Graças Silva Nunes, Maria Beatriz Abaurre, Josina Nunes Drumond, Wanda Maria Bernardi Capristano Alckmim, Jeanne Billich, Maria Bernadette Cunha de Lyra. Curioso que quase todas pertencem também à AFESL. E todas essas treze mulheres deram, as que faleceram, ou dão uma valiosa contribuição à AEL, com suas obras e ou suas atuações culturais, participando dos eventos e de diversos cargos da diretoria e até da Presidência. Sendo a primeira mulher a ter tal cargo Maria Helena Teixeira de Siqueira e a segunda, até a presente data, Ester Abreu Vieira de Oliveira.

² Cf. item 5 primeira Fase da AFESL